

JORNAL: Bahia Hoje

DATA: 20/04/94

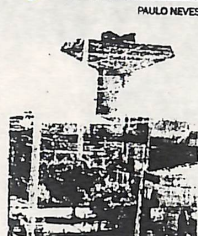
CAD: 1ª/idade da Bahia

PAG: 01/A-1

33

SMCS
Secretaria de Comunicação SocialPREFEITURA
DE SALVADOR
TRABALHANDO PARA VOCÊ

Assunto: Bairro (Caixa D'Água)

Caixa D'água,
um bairro com
cara de interior

PAGINA A-1

Caixa D'Água encanta pela tranquilidade

LUCIANA NUNES ♦ REPÓRTER

Tão simples e interessante quanto o nome do bairro é a gente da Caixa D'Água. É o que mais chama a atenção neste lugar de casas antigas e comércio movimentado, que não perdeu sua semelhança com a cidade do interior onde praticamente todos se conhecem. É o bairro da dona Glória, seu Lezinho, dona Carmo e dona Elisa, que já estão lá desde que aquele pedaço de terra era mato só. É também o bairro do Hospital Ana Nery, do Centro Social Urbano e do tradicional Colégio Anísio Teixeira, algumas das principais referências da Caixa D'Água.

O bairro faz fronteira com a Liberdade, IAPI e Pau Miúdo. Sua principal avenida é a Rua Saldanha Marinho, para onde desembocam inúmeras transversais como a Ladeira do Paiva, ruas Pedro Ivo e Augusto Schmidt. "Aqui a gente não sente falta de nada. Não existe bairro melhor do que esse", afirma Eliezer Santos Rocha, morador há 25 anos. Ele se refere à localização e ao diversificado comércio da Caixa D'Água, dotado de bares, açougues, livrarias, padarias, farmácias, armazinhos, lanchonete 24h e posto de gasolina.

Tem até sede de bloco de travestidos. Comandados pelo comerciante Elias Moraes, o *Baleia*, é lá que os integrantes do bloco As Sapatonas se reúnem para sair no Carnaval. *Baleia*, nascido e criado na Caixa D'Água, há 38 anos desfruta do que o bairro oferece. "Aqui tem crescido muito, mas o bairro mantém sua tranquilidade", testemunha ele. Tranquilidade que só é quebrada com o burburinho que acontece na sede do bloco. É quando os integrantes se reúnem para um animado pagode às sextas e sábados, regado, é claro, a engradados de cerveja.

Na Caixa D'Água se encontra mesmo de tudo. O interessante, porém, é que o crescimento urbano (inevitável) não conseguiu tirar do bairro seu comércio antigo e tradicional. Como o armazinho Loja Glória, instalado desde 1964. O estabelecimento passou de pai para filho, hoje é comandado por Aloísio Ramos. Dentro da loja ainda se vê os balcões antigos, de madeira resistente, como se, ali, o tempo nunca tivesse andado.

O armazinho tem uma frequentia antiga. "Vem gente de outros bairros como IAPI e Liberdade comprar aqui", conta o comerciante. Sua única queixa é quanto à insegurança nas proximidades da Ladeira do Paiva, onde está situado o Colégio Anísio Teixeira. Os assaltos por lá são constantes.

Os moradores se queixam do pouco policiamento do local. Outra reivindicação é a instalação de quebra-molas nas ruas por onde transitam os estudantes.

Estes problemas atuais, comuns a qualquer outro bairro, nem de longe entram na memória de pessoas como dona Elisa Ferreira dos Santos. "As vésperas de completar 90 anos, ela mora na Caixa D'Água desde 1931. O bairro está muito diferente daquela época. "Isso aqui era tudo lama, cheio de roças com árvores de frutas, era mato, não tinha casa nenhuma", recorda-se ela, que é uma figura conhecidíssima do bairro.

Alegre e cheia de vida, dona Elisa tem uma memória afiada e uma jovialidade inesperada. É capaz de sair dançando o "Requebra" do Olodum, sem a menor cerimônia. Com tanta energia, ela é cativa nas festas promovidas na Capela Nossa Senhora da Conceição dos Pobres, o templo de fé da gente da Caixa D'Água. "Quando eu não vou, o pessoal sente falta e fica perguntando por mim", diz ela, orgulhosa da popularidade.

Dona Elisa vive hoje com a única filha e quatro netos. Viúva há 21 anos - o marido trabalhava em armazéns -, ela sobreviveu e criou a filha com o trabalho numa quitanda. "Minha vida era fazer doces e mingaus", conta. Se acha uma pessoa feliz e realizada. "Não me falta nada", garante. Dona Elisa é uma espécie de símbolo da gente da Caixa D'Água. Um bairro que, mesmo sem as cadeiras na calçada, faz da humildade e da simplicidade sua filosofia de bem viver.